



9º UNICULT

PRESENTE DE NATAL

Autor(es)

ADRIANA APARECIDA CAMPOS BOVI

Desenvolvimento

O frio estava violento. O céu, cor de marfim. Não chovia fazia tempo, era um frio seco.

E lá estava o menino novamente, na praça da pequena cidade, engraxando os sapatos daqueles que pertenciam à alta sociedade.

A prática do garoto fazia com que a cor negra dos calçados brilhassem com firmeza rapidamente.

A gorjeta que recebia de cada senhor valia quase nada, porém, a felicidade ao juntar todas e conseguir comprar um saco de pão era tanta, que fazia parecer que tinha ouro nas mãos.

José, de onze anos de idade, mais conhecido como Zezinho, ajuda todos os dias no sustento de sua família.

O garoto, mais novo dos irmãos, também o mais magro, se tornou o mais ágil. Porém, não havia crescido conforme devia, é menor que os outros garotos de sua idade.

Sua mãe, a viúva dona Cecília, cuida da pequena e muito humilde residência deixada pelo seu falecido marido Francisco, enquanto seus filhos Luis, Bárbara e Zezinho a ajudam fora de casa.

Zezinho recebe grande ajuda dos irmãos para com os deveres da escola, mas leva a maior parte do dia engraxando os sapatos alheios para levar o pão para casa.

Apesar do frio que fazia, o menino finalizava seu trabalho na praça transpirando.

Com poucas moedas nas mãos, Zezinho não encontrava mais pessoas para engraxar os sapatos. Foram apenas três que serviu sua mão-de-obra, porém ganhou apenas dez centavos de dois senhores, e apenas cinco de outro, mais humilde.

Era um pouco óbvio que, no frio cortante que fazia, não haveria muitas pessoas na praça, mas assim mesmo, o garoto agitado e encolhido nas suas poucas roupas não desistia.

Perto do chafariz, que estava desligado, havia um senhor encolhido no chão imundo, possuindo bem menos roupas que Zezinho, tremendo os poucos dentes que ainda tinha, com uma mão esticada com a palma virada para cima, mas vazia. Sua barba era imensa e ensebada, completamente branca. Porém, seus cabelos eram ralos, praticamente um careca.

O velho pousou seus olhos miúdos cor de avelã no garoto que estava em uma situação parecida com a dele, sentiu um pouco de pena da juventude perdida, mas ainda assim não pode deixar de pedir ajuda.

- Menino.- Chamou. Zezinho tomou um susto, olhando subitamente para ele.- Eu sei que você não deve ter muito dinheiro, me perdoe, mas teria algo para me oferecer? Apenas para me ajudar.

Zezinho sentiu pelo idoso um sentimento que achava repugnante: Pena.

Ver o homem naquelas condições passando frio e fome, e não fazer nada era triste demais para ele.

Mas quem disse que os pobres também não podem ajudar?

- Como o senhor se chama?- Perguntou Zezinho, um pouco tímido, ao velho. Não sabia por onde começar.

- Juvenal, meu pequeno.

- Eu sou o Zezinho. O senhor deve estar com muito frio! Nem ao menos meias o senhor tem para cobrir os pés!

- Este frio está maltratando muita gente.- Respondeu Juvenal, com os olhos baixos.- Estas foram as únicas roupas que eu consegui. Mas veja, minha barba é longa, com ela até consigo aquecer os meus braços.- Riu o velho.

A família de Zezinho é muito pobre, mas a situação deste senhor era bem pior. O garoto imaginou sua mãe naquela situação e sem ninguém para ampará-la. Segurou uma lágrima firme no olho, não a deixou cair.

- Eu vou ajudar o senhor!- Decidiu Zezinho.- Consegue se levantar?

- O que vai fazer, menino?

- Vamos para a minha casa. Minha mãe pode servir algo para o senhor comer. Não temos muita coisa, mas pelo menos, um prato de comida o ajudaria. E vou arrumar uma coberta para que o senhor possa se aquecer. Pode ficar doente usando só estas roupas!

- Me levar para sua casa?- O velho ainda se encolhia no chão.- Sua mãe vai ficar muito brava com você, menino. Não pode me levar para sua casa, sou um velho estranho!

- Oh, não, minha mãe te ajudaria, eu tenho certeza. Nós também recebemos ajudas de muitas pessoas. Por favor, me deixe ajudar o senhor.- Zezinho esticou o braço para que o senhor se apoiasse ao se levantar.

O velho demorou um pouco para conseguir se levantar. O vento gelado era muito forte e deixava seus braços finos como ossos arrepiados. Mal conseguiu ficar em pé sobre suas pernas finas. Suas costas estavam encurvadas, os braços cruzados de frio, e tremia tanto que mal podia respirar.

- Vamos. – Zezinho o apoiou em seu braço, ajudando o velho a andar. – Minha casa não é muito longe. É logo ali. – Apontou a esquina da quadra seguinte.

Ao entrarem, o menino e o ancião sentiram o cheiro gostoso que aquecia a casa. Avistaram a mulher encurvada mexendo no fogão, tranqüila.

- Mãe!- Chamou o garoto. – Põe mais um prato na mesa. Temos um convidado.

Dona Cecília, aflita com o que o filho disse, virou-se para ver quem era com os olhos esbugalhados. A comida já era pouca para a família, quem dirá para um convidado.

- Este é o Juvenal. – Disse ele, apontando o senhor aos farrapos. A mãe levou um susto ao ver a fome e o frio estampados nos olhos daquele pobre mendigo.

- Boa tarde, senhor. De onde veio? – Perguntou a mulher.

- Da praça, minha senhora. Antes de pedir minhas humildes desculpas por estar em sua casa, gostaria de lhe dizer que a senhora tem um filho de ouro. Este menino vale mais do que muita gente por aí, que se diz “gente de valor”!

- Eu sempre senti orgulho do meu Zezinho, sei o grande valor que ele tem. – Dona Cecília sorriu para ambos, e voltou-se para o velho. – Mas o senhor está muito fraco. Pode estar doente... Por favor, aceite um prato da sopa que acabei de fazer. Não é muito, mas eu garanto que está bem gostosa, e quentinha.

Juvenal abaixou os olhos, emocionado, e agradeceu a atenção que a mulher lhe deu, deixando-o comer em sua própria casa.

Os dois irmãos mais velhos de Zezinho chegaram em casa para almoçar, e vendo-os, Juvenal se encolheu na mesa, sentindo medo e vergonha.

Mas pela sua surpresa, os jovens foram calorosos com ele, assim como a mãe e o filho mais novo.

Perguntaram coisas a Juvenal que ele jamais pensaria que perguntassem. Sobre onde ele nasceu, o que ele fazia, como fora sua vida.

A atenção que o velho mendigo ganhou daquela pobre família fora inédita para ele. Ninguém lhe dava atenção. Nem ao menos os policiais, que só se apresentavam para expulsá-lo de alguns bancos da praça ou debaixo de algum toldo que o abrigava.

Por fim, a noite caiu, assim como a temperatura. Fazia dez vezes mais frio do que a tarde.

O velho, encolhido, avisou que estava na hora de ir.

- Muito obrigado, todos vocês. De coração mesmo. A vida de vocês mudará muito, para melhor, eu tenho certeza. Mas agora está na hora de deixá-los em paz.

- Aonde o senhor pensa que vai com este frio? – A irmã de Zezinho perguntou, segurando o braço fino do velho. – Quer congelar lá fora?

Juvenal se assustou. Não podia ficar mais tempo lá. Não era sua casa. Era um estranho, afinal.

- Mas, minha jovem, não posso atrapalhá-los mais ainda. O que vocês fizeram por mim ninguém faria. Um milionário não recebe a atenção que recebi esta tarde!

- Só queremos ajudar o senhor. Por favor, aceite. Senão, nada adiantará o prato de sopa que servimos a você. Pois neste frio, ficará doente lá fora, ainda mais com estas roupas.

Zezinho sorriu e piscou para o velho.

- Leve-o ao porão, filha. – Pediu dona Cecília, apontando o canto da sala.

O filho mais velho ajudou a irmã a levá-lo até lá.

- Se apóie em mim para andar, senhor Juvenal.

Se aprofundando no porão, Juvenal notou que estava muito bem limpo e areado, bem organizado.

Havia muita palha um pouco espalhada no chão, e os irmãos a juntaram para que o pobre homem se acomodasse nela. Deixaram a luz acesa, para esquentar mais o ambiente, apesar de o porão ser o local mais aquecido da casa.

Ambos os irmãos mais velhos de Zezinho deram um beijo no rosto do velho, dizendo-lhe boa noite. Juvenal, por uma fração de segundo, pensou que havia morrido e que não estava mais no planeta Terra.

Alguns minutos depois, Zezinho entrou correndo no porão, vendo o velho sozinho, e foi em sua direção.

- Senhor Juvenal! Senhor Juvenal! Desculpe... Esquecemos de trazer a coberta para o senhor. – E estendeu uma manta grossa de lã muito quente sobre o corpo magro do homem.

- Oh, meu pequeno, não precisava, muito obrigado. Você, sua mãe e seus irmãos estão bem cobertos para dormir?

- Sim, sim, não se preocupe, senhor. É importante para nós que o senhor esteja também.

O velho sorriu calmamente para o garoto.

- Você será um grande homem, pequeno Zezinho.

O menino sorriu e lhe deu boa noite, o abraçando.

A família de Zezinho permaneceu cuidando de Juvenal por um longo tempo. O velho insistia em permanecer apenas no porão o tempo todo, mas por ordens de dona Cecília, sentava-se na mesa para comer com eles todos os dias.

Juvenal ganhou roupas e alguns remédios para gripes e resfriados. Toda noite Zezinho corria no porão para lhe dar boa noite e aproveitava o tempo para ficar conversando um pouco com ele. Contava toda a história de sua família, seu falecido pai, a miséria em que ficaram, a vida que têm e como são felizes assim mesmo.

Finalmente, o verão chegou, e Juvenal não precisava mais se preocupar com o frio.

Junto com o verão, também chegou a época do Natal. A família de Zezinho montou uma árvore linda na sala, cheia de enfeites velhos, mas lindos e brilhantes, que sempre guardavam e usavam a cada Natal. Juvenal os ajudou nos preparativos para a grande festa.

Mas como ele mesmo percebeu, era mesmo hora de partir. Não podia mais ficar na casa deles, e resolveu dizer que iria partir.

- Me perdoem... Mas não posso passar o Natal com vocês.

Os quatro arregalaram os olhos para ele.

- Como assim, senhor Juvenal? – Disse dona Cecília. – Vai passar o Natal aonde? Não vamos deixar o senhor passar esta data tão maravilhosa sozinho! Nunca!

Juvenal balançou a cabeça.

- Vocês não entendem. Há coisas que eu preciso fazer lá fora... Meu mundo é lá! Agradeço, de coração, vocês terem salvo a minha vida. Mas não posso ficar aqui. Insisto em ir embora.

Zezinho, sem pensar duas vezes, o abraçou, pedindo para que não fosse. O garoto havia se afeiçoado ao velho como se fosse seu pai, ou seu avô. Não podia abandoná-lo agora.

- Por favor, senhor Juvenal! Fique!

- Ah, menino! – O pobre homem passou a mão nos cabelos pretos do garoto. – Não se preocupe, você nunca estará sozinho. Vai poder me ver mais ainda, todos os anos. E eu prometo que nunca esquecerei de você!

Triste, a família se despediu de Juvenal e lhe deram uma cesta com frutas e pães que restaram, para que ainda tivesse o que comer por um tempo.

No dia 24 de dezembro, tiveram um jantar maravilhoso. Economizaram bastante para conseguirem comprar um frango assado, e provaram vagarosamente a refeição. Fora uma festa e tanto.

Foi exatamente na manhã do dia 25 de dezembro que Zezinho e sua família receberam uma intrigante surpresa. Debaixo da porta havia uma carta em um envelope vermelho escuro. Dona Cecília o estranhou. Abriu-o e leu:

- Meus queridos amigos: Gostaria que neste Natal vocês ganhassem um presente inesquecível. Do mesmo modo que vocês se tornaram inesquecíveis para mim. Só tenho a dizer que vocês são a melhor família do mundo. Um feliz Natal e um próspero ano novo.

A mãe de Zezinho terminou de ler. Atrás da carta, estava escrito um endereço, para que fossem até lá.

- Quem mandou esta carta, mãe? – Perguntou a filha, incrédula.

- Não faço idéia. Não diz aqui na carta.

- E este endereço? Nós não vamos lá, não é? É melhor não irmos, pode ser perigoso, pode ser um trote! – Disse o irmão mais velho.

Zezinho pediu para que, pelo menos, chegassem perto do local para verem o que era. A mãe concordou.

Ao chegarem no endereço citado, a família se encontrava em uma rua linda, cheia de verdes e casas alegres. Entre todas as casas, uma se destacava. Gigantesca, branca, cheia de enfeites de Natal mais lindos que os olhos de alguém poderiam ver.

Encantados, se aproximaram da casa. Pensaram que devia morar uma família muito rica nela.

Ao chegar mais perto, Zezinho percebeu algo brilhante no tapete de entrada. Era uma carta dourada. O menino se aproximou e a pegou, sem pestanejar.

Virou-se para a família e leu toda a carta. No final, emocionou-se:

“ Meus queridos, aqui está mais uma carta minha. Esta casa mobiliada que estão vendo agora é a casa de vocês. Tomei providências para que estivesse com toda a mobília, todos os quartos preparados e tudo muito quentinho para o inverno. Consegui um emprego para a senhora Cecília, em uma confeitaria, e os garotos tratem de estudar. Com todo o amor que têm, aproveitem o meu presente de Natal para vocês.

Ah, e quem sou eu? Bem, para algumas pessoas, eu sou um santo. Mas popularmente, sou conhecido como um gorducho de barbas compridas e roupas vermelhas.

Agradeço pelos dias quentes que me ofereceram em sua humilde casa e pelas boas horas de diversão.

Uma boa vida nova para vocês,

Papai.”